

A EDUCAÇÃO PÓS-PANDEMIA: AS PRIORIDADES

Renato Janine Ribeiro I

Desde o começo da pandemia, quando ela parecia destinada a durar alguns poucos meses – quando esperávamos que até agosto de 2020 estivéssemos de volta a uma vida normal, com aulas e trabalho presenciais – me chamou a atenção a quase total indiferença que presenciei ante seu custo psicológico, afetivo, emocional. Procurei, em várias ocasiões, destacar este aspecto, em especial na área de que sou mais próximo, justamente, a educação. Insisti neste ponto para audiências de educação e também empresariais, mas fiquei espantado ante a pouca relevância conferida ao tema, inclusive pelos institutos que procuram melhorar a educação básica, necessidade prioritária do Brasil. Falou-se e se fala muito dos conteúdos, ou melhor, das “competências” que os jovens não terão aprendido ou desenvolvido, mas bem pouco dos traumas que terão sofrido, eles, nós, todos. É esse não-dito que pretendo, concisamente, elaborar.

O que sustento é, porém, bastante óbvio. Como podemos, nós que somos animais sociais, e em especial os mais jovens,

que estão descobrindo o mundo, vasto mundo que não se chama Raimundo, aguentar um ano, talvez dois, de escassa interação social? Mais sábios do que nós, os franceses se recusaram a chamar o afastamento de distanciamento social; deram-lhe o nome de “distanciamento físico”, querendo com isso dizer que os laços sociais deveriam permanecer, ainda que fosse por meio de aplicativos que permitam não apenas ouvir o outro, mas também vê-lo e ser visto. Falta o cheiro, o tato, faltam tantos sentidos, mas pelo menos se tenta manter o outro como referência. Na falta dos cinco sentidos, tenta-se manter o sentido social, o senso da relação com o outro.

Tudo isso exige nos prepararmos para o depois. O que será, o que foi, o que tem sido a volta ao presencial? Porque, em muitos casos, retornou-se a ele mesmo sem a plena vacinação, mesmo sem os cuidados necessários. Ouvi falar muito do custo que o afastamento terá tido para os mais jovens (insisto: para todos nós), mas bem pouco das medidas a tomar uma vez retornemos à presença. Porque não basta, um dia, nos reencontrarmos nas escolas, nos escritórios, onde seja, e fazer como se nada tivesse acontecido.

A última coisa a fazer, numa sala de aula, é o professor retomar o programa onde parou: “Faltava ver o seno e o cosseno...”, ou “E então Tiradentes se reuniu com outros inconfidentes...”. Ou, no escritório, colocar em ordem as encomendas, os papéis, os arquivos. Desde o início, penso numa medida simples, mas que me parece básica, na retomada: formar uma pequena ágora. Reunirem-se todos em círculo, professores, alunos, funcionários também, para contarem.

Contar, narrar, dizer. Expressar o sofrimento por que passou cada um de nós. O medo de morrer. A percepção de que morreu, morre, morrerá gente conhecida, uns deles queridos, todos antes da data em que seria normal irem embora. Pôr para fora. Afirmando, há anos, que educação etimologicamente quer dizer “conduzir de dentro para

fora” (ex+ducere), ou seja: abrir para o mundo. É uma gigantesca ventilação. Todo professor abre janelas. Quem sabe, a própria vida não seja, quando vale a pena ser vivida, uma permanente abertura de janelas? Pois bem, passamos dois anos sem respirar. Sem olhar para fora. Então, é hora de uma gigantesca catarse. O sofrimento precisa de palavras. Necessita ser dito.

...

Uma das tarefas que sempre reputei mais importantes de um professor é ensinar a dar nome, não apenas às coisas, mas aos sentimentos. É mais fácil você encontrar um desenho com os nomes das partes do corpo em inglês, do que aprender o que se chamam amor, desejo, medo, esperança. Nomeamos mais facilmente as coisas, o mundo material, do que aquilo que é propriamente humano. Nunca esqueço um artigo que li, do diretor desse admirável e hoje esquecido filme polonês que é *Madre Joana dos Anjos* (1961), em que Jerzy Kawalerowicz explicava por que o personagem masculino, um monge, terminava cometendo um crime terrível, gravíssimo: “para que os demônios deixem o corpo de Madre Joana e ela possa ser santa”, dizia ele, exorcista de profissão. E o diretor traduzia, para mim, que li o artigo jovem, inexperiente, que vi o filme com pouca paciência e entendimento, apesar de muito encantamento estético: o frade e a madre superiora se tinham apaixonado, mas não sabiam dar nome a esse sentimento – portanto, por ignorância afetiva, o denominavam possessão demoníaca. Erravam a palavra. Erraram a vida. Quantas mortes terão decorrido, ao longo da História, da incompetência léxica? da falta da palavra certa? da insuficiência de nosso conhecimento sobre nós mesmos?

Ou o que li, na década de 1990, na *London Review of Books*, num relato sobre a Irlanda. Depois de tornada independente da Inglaterra, fará em breve um século, a República, extremamente católica, omitiu qualquer informação sobre homossexualidade. Calava-se totalmente a respeito. Daí

que, quando um rapaz não sentia nenhum desejo por uma mulher, ele não soubesse dar nome à eventual ereção que nele despertasse a visão de outro homem. Ele interpretava seu desinteresse por mulheres como sendo o dom divino para o sacerdócio. Não conseguia identificar, reconhecer, liberar seu desejo homossexual. Quantos homossexuais assim sacrificaram sua felicidade, por não saberem nomear sensações físicas e sentimentos? Dar nome, dar voz é libertador.

...

A paixão amorosa é uma possessão. Pathos é a sensação de que algo externo se apoderou de nós. É uma sensação de desempoderamento radical. Nestes tempos em que se fala tanto em empoderar as pessoas, não sei se alguém cresce, se torna pessoa, sujeito, sem passar por alguma perda de si. Sem cair de quatro por alguém. Sem viver o desespero de só ver sentido no olhar do outro. Mas esta possessão é um ensinamento. É um aprendizado. Muitas pessoas jamais a sentirão, outras a viverão, sofrerão, depois superarão. Sinto falta, nas escolas, de se ensinar o amor, em todas as suas faces. É mais fácil dizer em que consiste uma educação sexual – absolutamente necessária, para pôr termo ao assédio incômodo, ao estupro, à gravidez indesejada, à transmissão de doenças graves – do que uma educação para os afetos, que incluiriam não só o amor, mas também a amizade.

Há uma vasta literatura a respeito, assim como filmes e, no Brasil, um cançãoeiro popular riquíssimo sobre o amor. Mas fazemos a relação entre as palavras e as coisas, isto é, entre a literatura, o cinema, a música, por um lado, e os sentimentos ou sensações, por outro? Abrimos as janelas do mundo para nossos alunos?

Volto à catarse necessária. Durante já dois anos, nós, zooi politikoi, animais sociais, ficamos sem a socialização. Teremos ou não espaço e tempo, antes de aprender o

cosseno faltante, antes de repor os estoques de mercadorias na empresa, para falar disso?

Para cada um dizer o quanto sofreu perder um ente querido; ou passar semanas, quem sabe meses, intubado; para enunciar o medo tremendo de ter a vida abreviada. Porque tudo isso sucede exatamente quando se amplia a expectativa e a qualidade de vida. Espantoso paradoxo.

Leiam *Sapiens* (2011)¹, a admirável síntese que Yuval Harari fez dos movimentos que modificam o mundo, estes anos, graças aos avanços da saúde e da ciência em geral. E vejam que, do começo de 2020 para cá, se inverteu o rumo das coisas. Em vez de aumentar a esperança de vida, ela diminuiu, nestes tempos pandêmicos. Em vez de aumentar a liberdade, a *grande regressão* política,² social e cultural destes últimos anos, em vários países do mundo, a fez retroceder.

O que fazer, então? Antes tarde do que nunca: penso que a prioridade é soltar a palavra. Eu começaria o primeiro dia presencial pedindo que cada um contasse, sem medo nem vergonha, os pavoros por que passou. Depois, gradualmente, quando todos nos tivéssemos aberto uns aos outros, eu pediria que também relatassem boas lembranças: o dia em que um amigo telefonou ou fez um encontro a distância, a primeira caminhada sem máscara, quem sabe o reencontro com a pessoa amada, com os entes queridos. Faria uma gradação, começando pelo exorcismo, pela narração coletiva das dores, pela comunhão dos sofrimentos, pela humanização recíproca, porque só isso permitirá, depois, uma construção. Sem pressa, não necessariamente no primeiro ou segundo dia de fala. Sem a obrigação de cumprir o currículo escolar ou de realizar

1 Editado no Brasil pela Companhia das Letras.

2 Ver Henrich Geiselberger. (Org.). *A grande regressão* - um debate internacional sobre os novos populismos e como enfrentá-los, São Paulo: Estação Liberdade, 2019, para o qual contribuí com um artigo, "O Brasil voltou cinquenta anos em três", pp. 315-344.

as entregas de bens e serviços em curto prazo. Acredito que gradualmente melhorariamos a troca das lembranças e passaríamos, das recordações ruins, às boas, da memória do medo à imaginação da esperança. Talvez eu terminasse propondo que escolhêssemos umas músicas para cantar. Desafinados, seguramente, sem nenhuma pretensão à qualidade, só à verdade, porque no peito do desafinado também bate um coração.

...

Paro por aqui. Pensei em continuar, em comentar o entusiasmo dos integrados, no conceito de Umberto Eco, com a expansão do virtual, e o receio dos apocalípticos com o distanciamento assim gerado. Mas na verdade o decisivo é o que se quer da educação. E isto aparece nas páginas anteriores. Quem não entenda que a catarse, a troca de sinceridades, a abertura de janelas e corações é a condição para tudo o que se seguirá, provavelmente não terá muito a dizer sobre a educação para a vida. Poderá, sim, celebrar a informação, o ensino, o treinamento, as competências, mas ficará aquém da formação, da educação, da criação. Por isso me detenho neste ponto. De momento sou pessimista, infelizmente, porque quase tudo o que tenho lido no debate sobre a volta às aulas vai no rumo da denegação do trauma afetivo. Quando muito, ele se reduz ao sofrimento dos alunos que estão privados de convívio há tanto tempo. Ora, esse sofrimento, que é o ponto principal deste artigo, não se resolve apenas se voltando às aulas. Ele precisa ser enfrentado frontalmente. Precisa ser dito. Não se trata, portanto, apenas de retornar às aulas assim como eram, mas de antes de mais nada conversar. É isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARARI, Yuval Noah. Sapiens: Uma breve história da humanidade. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

GEISELBERGER, Henrich. (Org.). A grande regressão - um debate internacional sobre os novos populismos e como enfrentá-los, São Paulo: Estação Liberdade, 2019.